

Descobrir Aníbal Quijano, ou apenas um pensador latino-americano

Deni Alfaro Rubbo*

*Mas não se preocupe meu amigo
Com os horrores que eu lhe digo
Isso é somente uma canção
A vida realmente é diferente
Quer dizer
Ao vivo é muito pior*

(Belchior, Apenas um rapaz latino-americano)

É quase um truísmo afirmar o distanciamento entre Brasil e América Latina. Apesar de inegáveis avanços nas últimas décadas para o encurtamento dessa distância, nossa cultura é ainda demasiadamente refratária às experiências políticas, às histórias culturais, às produções de ideias e às trajetórias de personalidades de nossos vizinhos.

Nas ciências sociais, grassa um desconhecimento mais explícito. Investigar a produção de ideias e a trajetória de figuras públicas latino-americanas no Brasil pode significar escolher um “objeto rebaixado”. Conhece-se pouquíssimo da história da sociologia, da antropologia e da ciência política dos países sul-americanos, andinos e do Caribe, seus processos de institucionalização, suas influências teóricas, suas práticas sociais de leitura. Ora, mergulhar nas tradições escondidas de *Nuestra América* oferece uma posição privilegiada para a compreensão de formações sociais e históricas moldadas pelas temporalidades heterogêneas da América Latina. Esse é o caso da obra de Aníbal Quijano (1930-2018).

Quijano é um dos mais importantes intelectuais do pensamento latino-americano das últimas cinco décadas, e a cultura intelectual e política brasileira pode – e deve – devorar sua obra. Conhecer o conjunto da produção diversificada de Quijano, suas elaborações teóricas e posições políticas suscita não apenas contribuições à história intelectual da esquerda, mas também pistas sobre o processo avassalador do capitalismo contemporâneo e da crise (e colapso) das “narrativas” da modernidade. Afinal, Quijano sempre tratou a sociedade civil como objeto de pesquisa, aberta a um diálogo democrático e a mudanças sociais – esse era seu horizonte político. Em suma, um exímio praticante da “sociologia pública” e da “sociologia crítica” tais quais

* Doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP). É professor de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS). É autor de *O Labirinto periférico: aventuras de Mariátegui na América Latina* (Autonomia Literária, 2021).

examinadas por Michael Burawoy (2005).

Nascido em 1930 na pequena cidade de Yanama, província de Yungay (departamento de Áncash), filho de professor do ensino secundário e dona de casa, o jovem Quijano ingressou na Universidad Nacional Mayor de San Marcos (UNMSM) em 1948. Nesse período, esteve inserido no movimento estudantil e na luta política que deságua na ditadura do general Manuel Odría (1948-1956). Na oposição ao regime, o jovem estudante sofreria perseguições e encarceramento. Sua intensa experiência como militante político e os primeiros passos de sua formação acadêmica (e literária) acarretaram conflitos com organizações políticas da esquerda do país. Desavenças com “nacionalistas”, do partido aprista, e com “marxistas”, de estirpes stalinista e trotskista, não fizeram com que ele abdicasse ou, ainda, repudiasse o marxismo. De maneira autônoma, ancorou-se nas leituras de Marx a partir dos problemas andinos, o que se transformou em um dos traços decisivos para a criação de sua imaginação sociológica inspiradora.

Entre 1959 e 1961, o autor peruano realiza sua pesquisa de mestrado na Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales (Flacso), em Santiago do Chile. Retorna ao Chile em 1965, dessa vez como funcionário da Organização das Nações Unidas (ONU), através da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal), cargo no qual permanece até 1971. Em Santiago, vivencia inúmeros debates em centros de ensino e pesquisa com a presença de intelectuais brasileiros e estrangeiros. Também se pega em diálogos com a turma *roja* do Centro de Estudos Socioeconômicos (CESO) em torno da noção de dependência como forma de imperialismo em uma economia periférica do capitalismo. Mesmo integrando o Instituto Latino-Americano de Planejamento Econômico e Social (ILPES), que tinha caráter mais técnico e matriz teórica weberiana, Quijano foi, no mínimo, um pesquisador heterodoxo.

O conjunto de seus textos sobre o caráter marginal das cidades latino-americanas derivou de uma abordagem “histórico-estrutural” de caráter marxista. Quijano operacionalizava a noção de marginalidade como modo específico de integração no capitalismo periférico e dependente. Entretanto, tendo o caso peruano como referencial analítico, as implicações do intercâmbio na troca desigual entre países produtores de manufaturas e produtores de matérias primas produziam uma marginalidade *sui generis*: o *cholo*, objeto de estudo da tese de doutoramento de Quijano defendida na UNMSM em 1964. O “polo marginal” no capitalismo dependente tinha rosto e endereço: o *cholo* eram migrantes camponeses-indígenas das montanhas do *Peru profundo* que se estabeleciam precariamente na cidade de Lima. Em poucas palavras, Quijano defendia, assim, uma tese apoiada e construída a partir da luta de classes moldada pela mediação da etnicidade e da cultura.

Não é exagero afirmar que a articulação entre determinações histórico-estruturais da dependência, polo marginal e processo de “*cholificación*” constituiu uma análise social sofisticada e inovadora para a teoria sociológica marxista latino-americana. Curiosamente, permanece até hoje abafada, quicá pela peleja entre “marxistas-weberianos” do ILPES – um marxismo como “*noblesse oblige*”, como ironizou certa vez Francisco de Oliveira (2001) – e “marxistas-trotskistas” do CESO. Porém, não é estranha, até porque Quijano carrega duas referências incontornáveis que perdurariam em sua trajetória intelectual, embora em registros diferentes: o *marxismo indígena* de José Carlos Mariátegui e a *antropologia histórica* de José María Arguedas, de quem foi amigo (cf. PACHECO CHAVÉZ, 2018; RUBBO, 2018; MONTOYA HUAMANÍ, 2018).

Paralelamente, Quijano acompanhou a ascensão dos movimentos camponeses, *a posteriori* guerrilheiros, que emergiam nos países latino-americanos animados pela revolução cubana e que reconfiguravam de modo radical a correlação de forças políticas¹. Depois de seu retorno ao Peru, em 1971, inicia uma nova fase de sua trajetória política e intelectual. Nessa década, portanto, o sociólogo peruano amplia sua agenda de pesquisa e passa a investigar a dominação imperialista no Peru e suas implicações para as classes sociais à luz do regime militar de Velasco Alvarado (1968-1975).

Ao expor, analisar e criticar as contradições dos projetos econômicos e políticos do “Gobierno Revolucionario de las Fuerzas Armadas” – como se autointitulava –, Quijano cria inimidades com caudatários da esquerda política peruana que apoiavam obstinadamente o regime. Esse também era um período de militância política orgânica, com participação no Movimiento Revolucionario Socialista (MRS), nascido em 1972 a partir da Comunidad Urbana Autogestionaria de Villa El Salvador (Cuaves), movimento que lutava por moradia na cidade de Lima. Quijano desempenha papel significativo na formação desse movimento e cria a revista *Sociedad y Política*. Nesse caldeirão de reflexões, polêmicas e experiências coletivas, marcado pelas lutas dos povos indígenas andinos e pelos movimentos de moradia urbanos, Quijano desenvolve a questão da “socialização do poder político” como princípio balizador de um socialismo horizontal de sensibilidade libertária.

Na sequência, as apostas de Quijano tiveram sucessivas perdas, em especial o processo de desintegração da Alianza Revolucionaria de Izquierda (ARI) e, conseqüentemente, a derrota da esquerda nas eleições presidenciais de 1980. Pouco depois, sua saída do MRS e o fechamento de *Sociedad y Política* encerrariam esse doloroso processo. Tanto a paulatina fragmentação da esquerda peruana, que ainda

¹ Para uma interessante biografia intelectual sobre o jovem Quijano, dividida entre “pensamento não escrito” (1948-1962), “sociologia da suspeita” (1962-1965) e “sociologia culturalista” (1964-1968), ver Montoya Huamaní (2021).

observaria atônita a ascensão do grupo guerrilheiro Sendero Luminoso e suas ações autoritárias, quanto a crise intelectual e política do marxismo em escala internacional tiveram um forte impacto na trajetória de Aníbal Quijano. Esse é um momento de reavaliação silenciosa de seus próprios projetos intelectuais e políticos. Não por acaso, é possível aventar a hipótese de que sua produção na década de 1980 gravita entre a tensão de elaboração do luto e a preparação de um recomeço. Nesse sentido, certa “melancolia de esquerda” suscitou em Quijano a necessidade de se reinventar teórica e politicamente, sem fugir do fardo passado e, mais ainda, sem resignar-se à ordem vigente (cf. RUBBO, 2019).

Suas viagens internacionais então se intensificam. Como professor e pesquisador visitante, Quijano trabalha em universidades dos Estados Unidos, Porto Rico, Alemanha, Brasil, dentre outros países. Um dos destaques dessa frequente mobilidade são suas passagens pela Universidade de Binghamton, em Nova York, através do Centro Fernand Braudel, fundado por Immanuel Wallerstein (1930-2019). O contato com uma volumosa produção internacional das ciências sociais que interrogava concepções lineares da história e universalismos abstratos permite a Quijano tecer uma avaliação contundente sobre o *modo de conhecer* realidades sociais diversas. Isso não significa dizer que Quijano tenha abraçado acriticamente as diversas tendências que se tornariam modas acadêmicas a *posteriori*, por assim dizer, inofensivas no combate político anticapitalista. Evidentemente, as críticas ao eurocentrismo que ganhavam espaço nos debates internacionais da sociologia não causariam surpresa para alguém que fora escolarizado em escola bilíngue, espanhol e quéchua, era leitor de Mariátegui e Arguedas, e que sempre esteve em contato com camponeses-indígenas sujeitos à condição de exclusão material e simbólica.

É nos idos de 1980, beirando os 60 anos, que elabora uma profunda reavaliação de três categorias históricas em crise: América, modernidade e capitalismo. Aí se encontra uma das raízes de sua análise dos processos de “colonialidade do poder”, que se aprofunda nas décadas seguintes e que, atualmente, é debatida em âmbito internacional. Em poucas palavras, trata-se de uma ambiciosa *teoria global* a partir da “periferia” que busca compreender, de 1492 ao tempo presente, os paradoxos da modernidade em dimensão objetiva e intersubjetiva. Nas décadas de 1990 e 2000, o sociólogo peruano publica um conjunto de textos sobre a colonialidade e descolonialidade do poder, o que representa uma construção teórica *inseparável* dos processos e experiências que ocorriam no Peru, na América Latina e no mundo, da “globalização” do “neoliberalismo” às resistências globais e locais. Quijano não rompe com seus antigos temas; busca, antes, entender as características atuais do sistema-mundo moderno concebido como “totalidade heterogênea”.

Nestes tempos sombrios, as posições de Aníbal Quijano são mais do que atuais, posto que suas principais preocupações teóricas estão sempre ligadas às mutações do capitalismo mundial e a seus caminhos reversos: da resistência e das rebeliões dos vencidos da história. Por isso, em 60 anos de produção intelectual e intervenção política, seria implausível reduzi-lo à corrente dependentista ou à perspectiva “descolonial”, ignorando o conjunto diversificado de sua obra. Quijano cria um estilo próprio, nem sempre fácil, mas que se transforma, muitas vezes, como reação a estigmas do tempo. Acompanhar seu itinerário político e intelectual é um convite à reflexão sobre o lugar da América Latina e do Caribe no mundo, feito por alguém que tinha a vocação de fazer frente ao duro semblante dos dias.

Referências

- BURAWOY, Michael. For public Sociology. *American Sociological Review*, v. 70, n. 1, p. 04-28, 2005. DOI: 10.1177/000312240507000102
- MONTOYA HUAMANÍ, Segundo. *Aníbal Quijano*. Reconstrucción de su vida y obra 1948-1968. Lima: Heraldo Editores, 2021. Tomo 1.
- MONTOYA HUAMANÍ, Segundo. Aníbal Quijano: improntas de Mariátegui en la colonialidad del poder. In: MONTOYA HUAMANÍ, Segundo. *Conflictos de interpretación en torno al marxismo de Mariátegui*. Lima: Heraldo Editores, 2018. P. 265-273.
- OLIVEIRA, Francisco de. O caráter da periferia especial. *Folha de São Paulo*, 25 mar. 2001. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2503200116.htm>>. Acesso em: 03 jan. 2022.
- PACHECO CHÁVEZ, Victor Hugo. Aníbal Quijano: episódios de lectura de José María Arguedas. In: PACHECO CHÁVEZ, Victor Hugo (Org.). *Rompiendo la jaula de la dominación: ensayos en torno a la obra de Aníbal Quijano*. Santiago: Doble Ciencia Editorial, 2018. p. 15-34.
- RUBBO, Deni A. Aníbal Quijano em seu labirinto: metamorfoses teóricas e utopias políticas. *Sociologias*, v. 21, n. 52, p. 240-269, 2019. DOI: 10.1590/15174522-89913
- RUBBO, Deni A. Aníbal Quijano e a racionalidade alternativa na América Latina: diálogos com Mariátegui. *Estudos Avançados*, v. 32, n. 94, p. 391-409, dez. 2018. DOI: 10.1590/s0103-40142018.3294.0025